

A morte chega ao mundo
confortável de um garoto—e uma
pergunta terrível paira
no silêncio do ar

Sete Corvos, um Segredo

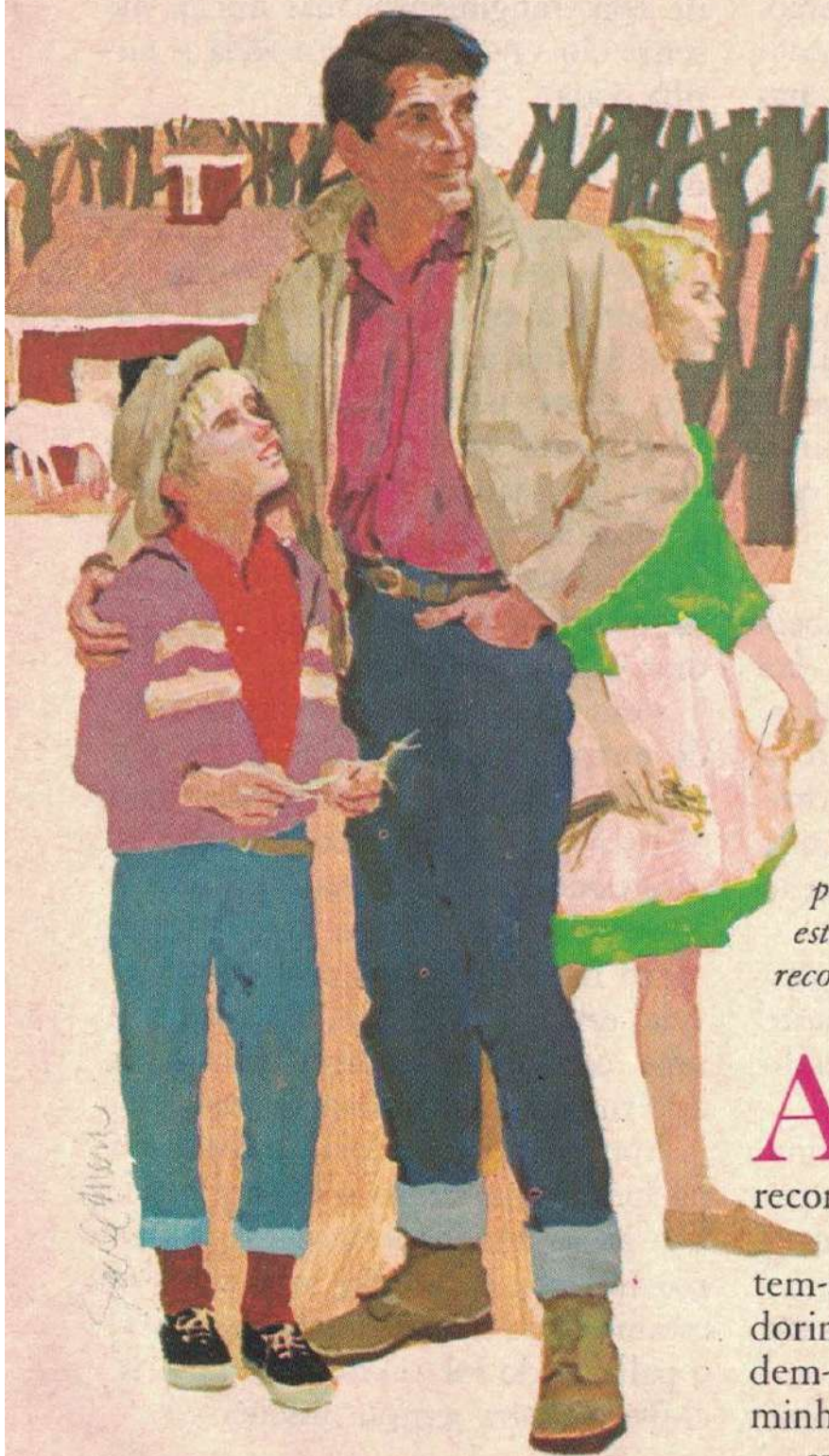
ERNEST BUCKLER

Romancista e contista canadense

*Eu tinha dez anos e nunca vira uma
pessoa morta. Não pensei nisso com
estas palavras, mas é assim que o
recordo . . .*

ACORDEI. É no princípio do ve-
rão e acaba de nascer o Sol.
A luz, encontrando as coisas,
recorta suas sombras oblíquas no
chão. Os dentes-de-leão ves-
tem-se de ofuscante amarelo. As an-
dorinhas cintilam, as colinas acen-
dem-se. Um silêncio de frescor ca-
minha no ar como Cristo.

CONDENSADO DE "OX BELLS AND FIREFLIES",
COPYRIGHT © 1968 DE ERNEST BUCKLER



Gauche M. M. M.

Meu sangue fervilha com o júbilo da casa embaixo e do ar livre. Corro lá para baixo.

Minha mãe está escaldando a batedeira de madeira. O vapor que sai dela brilha ao sol que entra pela porta aberta. Mamãe esfria a bandeja da manteiga escaldada com água bombeada do poço fundo do porão. Enquanto como, observo o movimento hipnótico do batedor nas mãos dela e espero o som que significa que a manteiga começou a se formar.

Sentindo-me agradavelmente empanzinado, não sei se fico com ela ou se vou para fora com papai. É uma manhã para estar com todo mundo. Vejo mamãe comprimir a manteiga reluzente no molde que papai fez, e que tem formas de bolotas.

Papai entra na cozinha e bombeia água para beber. "Aaaaaaah!", faz êle, ao afastar a concha dos lábios.

Vou para fora com êle. Retiro a palha que cobre os compridos canteiros de flôres que vão da casa à estrada, ali colocada como proteção para as plantas no inverno.

Pouco depois mamãe vem para fora conosco. Posso ver que neste dia papai e mamãe estão querendo ficar um perto do outro.

Colho um malmequer dos jardins. Suas sementes são como vírgulas pequenas. Elas se irradiam do centro e formam um círculo perfeito.

—Quer guardar esta?—pergunto a mamãe.

—Não—responde ela.—Nunca me

preocupo em plantar malmequeres. Êles se semeiam sòzinhos.

—É bom—diz papai.—Eu gosto de flôres amarelas.

Papai nunca diz coisas assim. Êle põe a mão no meu ombro por um momento e me encosta na sua perna. Nunca faz isso. Estou quase trêmulo de constrangimento, mas nunca me senti tão vivo e feliz em tôda a minha vida.

E então, de repente, quero ver o regato. Como para gravar em mim a voz dêle, a voz da própria manhã, como a bolota na manteiga.

Desço a estrada até à ponte, sento-me e fico a olhar o regato. Nunca é o mesmo por um instante sequer, entretanto, mais do que qualquer coisa, permanece êle mesmo, denso e tagarela. Arranco pedaços de casca dos balaústres da ponte e jogo-os na corrente murmurante. Jogo pedras, uma a uma, na água.

Vejo uma truta pequena flutuando entre a superfície da água e sua sombra no fundo pedregoso, mais elétrica de movimentos do que se estivesse nadando. Uma ou duas vezes ela avança alguns centímetros, como num impulso que logo se revela errado. E então, chegando a uma conclusão, dardeja para uma caverna escura embaixo da margem.

Abro a camisa e deixo o sol bater no meu peito. Ouço o regato, e minha própria carne e eu somos irmãos tão íntimos e risonhos que sei que estamos para sempre misturados com o palpitar do sol (ou do vento ou da chuva) e para sempre insensíveis.

TORNO a subir a colina. Ouço uma voz estranha na cozinha. O modo como papai e mamãe conversam parece estranho também. Tenho um sentimento esquisito de paralisação como quando se ouve um relógio parar. Entro.

Está ali um vizinho. Os três estão de pé, ou andando sem objetivo para aqui e para lá. Os olhos do vizinho têm um ar de exaustão. Seu rosto é como se êle o estivesse carregando em vez de lhe pertencer, como se fôsse uma roupa roubada. Êle ainda está pálido pelas notícias que trouxe: Jim Stedman caiu do andaime do telhado de seu celeiro e quebrou o pescoço nas pedras embaixo.

Olho para papai. Parece que a respiração dêle parou. E então êle olha para mamãe como se seu olhar não tivesse outro lugar para pousar. O olhar dela prende-se ao dêle da mesma forma.

Parece haver alguma pergunta repentina e terrível no ar. Nesse grande impacto de silêncio do morto, ela grita para ser respondida.

Estou atordoado. Vou lá para fora.

Olho para as coisas e olho para êles. Mas nada me dizem. Êles se recolheram em si mesmos, naquele anel de surdez onde falam apenas um com o outro. Em silêncio. As rosas silvestres parecem vergadas com sua própria côr impotente. Apanho uma pedra. Olho-a. Não me diz nada. Deixo-a cair.

Nessa noite vamos à casa do homem morto. As janelas da casa nada me dizem.

Mamãe dominou-se para não chorar. Papai abre a porta da cozinha e mamãe tira as galochas para deixá-las na varanda. A mulher de Jim, Annie, está sentada ao lado do fogão, dobrando o lenço, com seu rosto acabrunhado de um rosado quase infantil produzido pelas lágrimas secas.

—Não, Mary—diz ela a mamãe, com um sorriso desmaiado de boas-vindas mesmo então—não deixe as galochas aí fora.

Há nessa troca comum de palavras qualquer coisa que faz mamãe chorar. Controla-se, mas depois, quando diz a Annie: “Se você quiser aquêle meu chapéu prêto...”, começa a chorar de nôvo.

Os homens sentam-se na cozinha, com desajeitada solenidade, parecendo crianças que não sabem a lição. Levantam-se muito depressa para oferecer seus lugares a um recém-chegado. Não olham para suas mulheres, repetindo de repente o modo como se portavam numa sala cheia quando começaram a cortejá-las. A família do morto é impressionante para mim em sua dor, quase majestosa.

As visitas são conduzidas à sala, onde está o caixão. Movem-se como se andar fôsse uma coisa precária que acabassem de aprender. Seus olhares são graves, olhando como se notar qualquer coisa na sala além do homem morto fôsse vergonhoso.

Olho para o homem morto. Tem o rosto mais branco do que se acabasse de ser lavado com água. O

abajur está voltado para baixo, mostrando a côr de suas unhas. Olho para as mãos dêle. Não me dizem nada.

NA TARDE do entêrro, estou sentado nos degraus da nossa varanda. Ouço papai e mamãe conversando dentro de casa. Meu pai será um dos que vão carregar o caixão.

—Mary—chama êle do quarto.—Onde está a minha camisa boa?

—Está na segunda gaveta aí—responde ela da cozinha.—Debaixo do . . . espere um pouco. Eu vou subir para mudar de roupa.

—Estas são as abotoaduras apropriadas?—indaga êle no quarto.

—São. Deixe, eu as coloco para você.

É esquisito o cuidado que têm hoje com a roupa um do outro. Nunca se ajudaram a vestir um ao outro.

—Que vestido vai pôr?—pergunta meu pai. Êle nunca diz coisa alguma assim.—O azul ou o marrom?

—Acho que o azul é mais próprio para hoje. É velho, mas . . .

—Sempre gostei dêsse vestido em você.

—Você gosta daquele vestido velho? Nunca me disse.

—Gosto. Sempre assentou bem em você. Como estão minhas botas? Bem engraxadas?

—Estão. Parecem novas. Aquela meia não incomoda onde a cerzi no calcanhar?

—Não. Nem um pouco.

—Pobre Annie—diz mamãe.—Ela está sofrendo tanto. Disseram que

ela fêz má escolha quando casou com Jim, mas . . .

—Nunca vi nada de errado em Jim—diz papai.—Você se lembra daquela manhã quando escureceu muito e eu estava com todo o trevo colhido e Jim, sem dizer nada, apareceu e começou a passar o ancinho com o cavalo dêle.

—Lembro, sim. A verdade é que as crianças achavam que não havia ninguém como êle—diz mamãe.—Você nunca viu Jim em parte alguma sem o pequeno Jim nos seus calcanhares.

—Eu sei. Você quer o colar de contas?

—Quero, acho que sim. Não vai parecer extravagante numa ocasião destas?

—Não, fica muito bem. Deixe, eu aperto o fecho para você.—Papai nunca faz nada disso.—Nós que carregamos o caixão ficamos sentados todo o tempo como os que velam—indaga êle—ou nos levantamos para cantar?

—Não—diz mamãe—vocês ficam sentados durante todo o tempo. Oh, Joe . . . quando penso . . . se tivesse sido você . . .

Papai não diz nada por um minuto mais ou menos e, quando fala, sua voz parece diferente.

—Bem—diz êle—é melhor vestir meu paletó e ir andando. Devo chegar lá um pouco mais cedo. Talvez se você e Mark saírem mais tarde e ficarem no portão arranjem alguém para levá-los de carro.

—Não—diz mamãe.—Quero ir

com você. Iremos a pé com você. E esperamos.

—Talvez arranjem condução para voltar.

—Não. Voltaremos com você. A não ser que *você* arranje alguma condução. Você trabalhou no cemitério desde o romper do dia. Deve estar cansado.

—Não—diz papai.—Voltarei a pé com vocês.

OS CAMPOS estão silenciosos. Até as narinas dos cavalos, pretas como carvão, estão imóveis. A família do morto, sentada na primeira fileira de bancos na igreja, está imóvel.

E então, quando soam as primeiras notas do órgão, os membros da família parecem dobrar um pouco o pescoço. É como se as nuvens que vejo através da janela da igreja representassem a palavra NUNCA em negras letras maiúsculas.

Começam os cânticos. “Reunir-nos-emos junto do rio/Onde pés de anjos luminosos pisaram...”

Fecho os olhos e tento ver, ver realmente, o rio “correndo ao lado do trono de Deus”. Eles cantam: “No aprazível futuro”, e ecoam os dois baixos esplêndidos, “Nos encontraremos nessa margem amena...”

Eu choro.

Na sepultura, uma fôlha de choupo cai sôbre o caixão e voa em todo o seu comprimento. Os carregadores arriam as correias baixando o caixão.

Vejo as mãos de meu pai tremerem. Vejo uma ruga no rosto de minha mãe, que o sol parece gravar ali. Tenho vontade de correr.

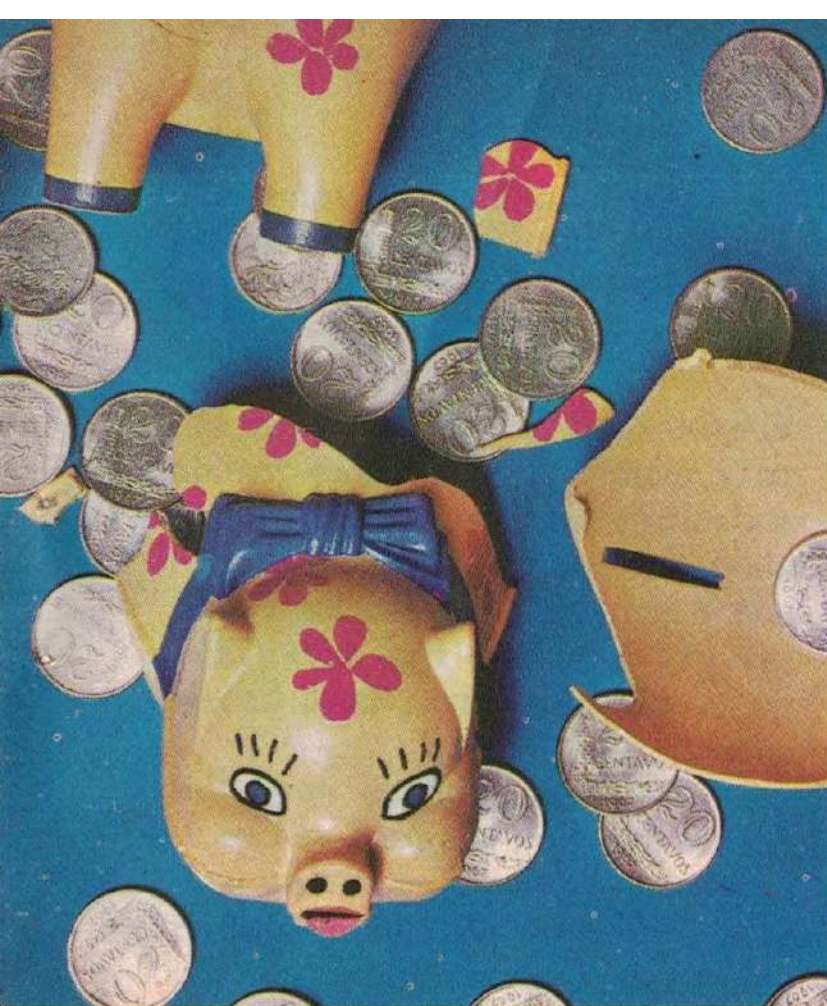
CAMINHAMOS juntos para casa. Papai e mamãe parecem como quando trabalham juntos no campo, semeando. Quando algo sai dêles que não é nem de um nem do outro, mas que é mais do que ambos. Pego as mãos dos dois. Nunca fiz isso antes.

—Lembro-me quando eu e Jim éramos crianças—diz papai.—Costumávamos pôr maçãs verdes na ponta de uma vara de vime e jogá-las na garrafa que havíamos colocado no muro de pedra. E tôdas as vêzes que havia neve recente voltávamos para tentar seguir uma rapôsa até ao covil dela... e nas tardes quentes, lembro-me, tirávamos a roupa e entrávamos no lago para apanhar nenúfares.

—Lembro-me daqueles nenúfares—diz mamãe.—Vocês costumavam trazê-los para nós meninas. Sempre fechavam à noite, não é?

Olhei para trás para o cemitério. Um bando de corvos voava em círculos lá em cima. Contei-os. Um corvo, tristeza; dois corvos, alegria; três corvos, casamento; quatro corvos, um menino; cinco corvos, prata; seis corvos, ouro; sete corvos, um segredo que nunca devia ser contado.





mais vale seu gôsto que quatro vintêns...

**QUEM PINTA
SABE
YPIRANGA
É A TINTA**

Gente decidida prefere paredes pintadas com tintas Ypiranga. Natural. É uma preciosidade ter e poder exibir os interiores de sua casa com cores tão lindas e acetinadas. Enobrecem o lar. É requinte... e com uma grande vantagem: Quem pinta sabe - Ypiranga é a tinta!

